

O amálgama da alma de Jorge Mautner

Mazé Leite*



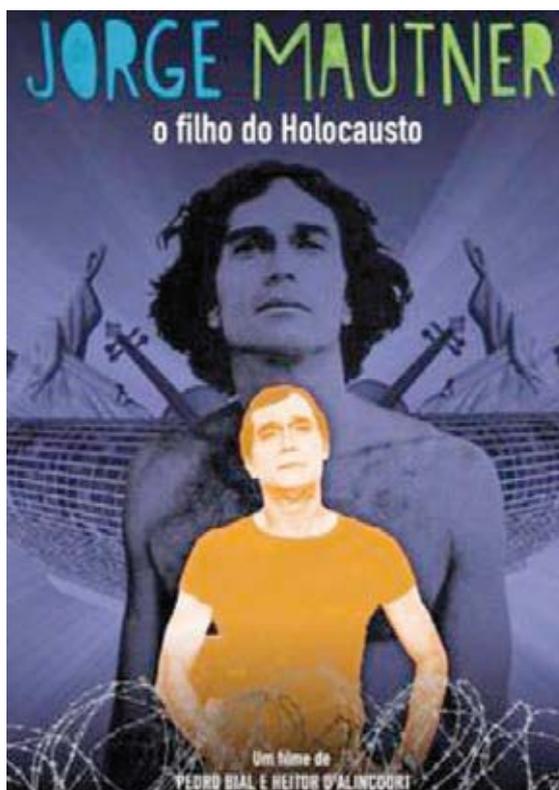
No dia 1º de fevereiro de 2013 estreou nos cinemas o documentário Jorge Mautner – o filho do holocausto, dirigido por Pedro Bial e Heitor D’Alincourt. Uma das primeiras conclusões que se tira quando o filme termina é: este artista tem muita importância dentro da cultura brasileira. Ele próprio, sua vida e sua obra estão permeados por essa marca distintiva do brasileiro que é ao mesmo tempo aquele que trabalha e aquele que canta e dança.

O longa-metragem *Jorge Mautner – o filho do Holocausto* traz imagens raras, não só da vida deste artista, mas de momentos da história e da arte brasileira, com imagens cedidas pela Cinemateca Brasileira e pelo Centro de Documentação da Globo. A pesquisa que foi feita para o filme, realizada por Carla Siqueira, aborda temas desde o nazismo, com cenas da Segunda Guerra Mundial, passando pelas ideias da mitologia do Kaos de Mautner, até cenas londrinas com Caetano, Gil e Jorge ainda bem jovens. Tudo entremeado com canções que enfatizam cada acontecimento da vida do artista.

Ele aparece em algumas cenas fazendo leituras de textos, em outras cantando e tocando seu eterno violino ao lado do seu companheiro violonista Nelson Jacobina, a quem o filme é dedicado. Foram gravadas cerca de 22 músicas, incluindo a *Bandeira do meu Partido*, composta em 1958, além de *Vampiro*, *Todo errado*, *Maracatu Atômico*, *Sapocururu*, entre outras.

O filme – até mesmo pelo título – tinha tudo para mostrar a tristeza de uma família que precisou fugir de seu país com uma mãe grávida de oito meses correndo os perigos de uma longa viagem a um país desconhecido. Mas é o contrário disso. Quando o filme termina, um encantamento alegre toma conta de nós, que podemos conhecer melhor a alma de Jorge Mautner e, de quebra, verificar mais uma vez a riqueza cultural brasileira. Com certeza este documentário é uma grande contribuição para o cinema brasileiro atual.

Fui conversar com Jorge Mautner no dia seguinte. Saí de sua pre-



Brasília - Presidente Lula fala no da Conferência Nacional de 2010)

sença, após mais de uma hora de conversa, com a certeza: a cultura brasileira tem uma riqueza imensa, que precisa ser resgatada, espalhada, espalhafatada, vozeada. Jorge Mautner faz exatamente isso.

Nossa conversa aconteceu na cobertura do hotel onde ele se hospedou, no bairro de Pinheiros, em São Paulo e pude verificar de perto que o ser humano Jorge Mautner é, além de tudo, muito acolhedor. Enquanto tomava um cafezinho expresso, foi me contando que quase não interferiu na concepção e execução do filme que teve cinco anos de rigorosa pesquisa e preparação. “No fim, foram quatro dias e quatro noites de intensa filmagem, com tudo já preparado, o cenário de Valter Pupo, a nossa banda,

com a participação de Nelson Jacobina. Graças a Deus, deu para ele participar. Ele faleceu no ano passado, já estava muito doente.” Jacobina aparece em muitos momentos do filme.

Logo em seguida, Jorge começa a falar de onde tudo começou: a vinda de seus pais ao Brasil, fugindo da perseguição nazista, desta-

cando a angústia de sua mãe, Anna Illich, por ter deixado para trás a filha Susana, que não conseguiu acompanhar os pais ao Brasil, fato que deixou sua mãe fisicamente paralisada. Por isso, Jorge foi cuidado e educado durante seus primeiros sete anos de vida por uma babá, Lúcia, que era filha de santo.

– “Durante meus sete primeiros anos, ia três vezes por semana lá para o terreiro, ao lado da igreja da Glória. Muitas vezes eu adormecia e acordava na camarinha. Imagina! Fui recebido assim, no braço do povo, literalmente!” “Um dia, lembra Mautner, Lúcia me carregava em seu colo e me falou: meu filho, seus pais vieram de um lugar de gente

Ao conhecer
melhor a alma de
Jorge Mautner, de
quebra, podemos
verificar mais
uma vez a riqueza
cultural brasileira.
Com certeza este
documentário é uma
grande contribuição
para o cinema
brasileiro atual

muito má, cruel, mas aqui você vai encontrar seus amigos... E eu adormecia e acordava no colo dela, ouvindo o som dos atabaques...”.

Em 1948, seus pais se separam e Anna casa-se com o violinista Henri Müller e se muda para São Paulo, levando o menino consigo. Henri era o primeiro violinista da Orquestra Sinfônica de São Paulo, e foi com ele que Jorge aprendeu a tocar violino clássico. Seu padraсто também fazia participações em programas da Rádio Nacional e diversas vezes o menino o acompanhou, sendo que nesta época começou a conviver com grandes artistas da música brasileira, como Aracy de Almeida, Nelson Gonçalves, Jorge Veiga, Tonico e Tinoco, Elizeth Cardoso, Inezita Barroso, Marlene, Emilinha Borba e muitos outros.

A partir de 1950 ele vai estudar no Colégio Dante Alighieri, que abandonou no terceiro colegial porque era muito conservador para ele, que foi educado desde muito cedo lendo Goethe. Hoje, esta escola de classe média de São Paulo tem uma sala dedicada a ele. Em 1956, Mautner começou a escrever seu primeiro livro *Deus da Chuva e da Morte*, que foi publicado pela Editora Martins Fontes em 1962, ano em que recebeu o Prêmio Jabuti por esta obra.

A partir daí foi descoberto por Vicente Ferreira da Silva “sobre o qual Oswald de Andrade dizia que era o maior pensador do Brasil”. Ele já havia se aproximado do físico brasileiro Mário Schenberg e começa a publicar na revista *Diálogo*, que unia intelectuais do tipo de Vicente e Dora Ferreira da Silva, Miguel Reale, Guilherme de Almeida, Paulo Bonfim, Câmara Cascudo e outros. Daí ele teve a ideia de criar um partido, que intitulou de Partido do Kaos. E explica:

– “É toda uma mitologia que se entrelaça. O Kaos era uma exaltação total da fundação de Brasília, das ideias de Leonel Brizola, Juscelino Kubistchek, do Grupo dos Onze, assim como da Revolução Cubana. Chegamos a ter três mil adeptos. A gente se reunia numa garagem na Praça Buenos Aires, no bairro de Higienópolis, eu, o Aguilar e o Mário Schenberg.”

– “Em 1962” – continua – “dissolvi o Partido do Kaos. Nós já éramos militantes do Partido Comunista do Brasil. Mário Schenberg já era um grande cientista, havia trabalhado ao lado de Albert Einstein e poderia ter continuado sua pesquisa científica

ao lado dele. Mas, veja o patriotismo dele, na década de 1940 preferiu ser deputado pelo Partido Comunista e ficar aqui no Brasil, lutando ao lado de seus companheiros.” Foi Schenberg quem iniciou Jorge Mautner nos ideais marxistas e levou-o ao Partido.

– “Era uma época muito rica, muita discussão e muita conversa entre eu, Mário Schenberg, José Roberto Aguilar, Dulce Maia, irmã do Carlito Maia que foi muito torturada depois pela Ditadura Militar. Tínhamos um amigo que era do Partido Comunista de Israel, que só falava em hebraico e alemão, para quem eu traduzia nossos textos e conversas. Ele lia Bertolt Brecht para nós, em alemão. Então era um tempo muito rico aquele de 1962, quando também lancei meu livro *Deus da chuva e da morte*, no João Se-

bastião Bar, um dos nossos pontos de encontro”. Este bar, que era localizado na Vila Buarque, juntava a intelectualidade paulistana, e muitos músicos, como Chico Buarque de Holanda, fizeram lá as suas primeiras apresentações. “Todo mundo amigo – lembra Mautner –, artistas, comunistas, era muita gente. Até Luiz Carlos Prestes ia lá.”

Nessa época, artista militante, Jorge Mautner já compunha suas músicas também para transmitir as mesmas ideias que ele defendia na literatura. Em 1958 já havia composto a música *A Bandeira do meu Partido*. Também em 1962 escrevia diariamente para uma coluna intitulada “Bilhetes do Kaos” no suplemento cultural do jornal *Última Hora* (de Samuel Wei-

ner), dirigido por Jorge Cunha Lima. Essa coluna se manteve até o dia 1º de abril de 1964.

O Golpe Militar de 1964

Jorge Mautner diz que meses antes já se sentia o cheiro do golpe no ar. “A gente intuía, eu e o Mário Schenberg, mas não se podia fazer nada, nem prever como seria. A Revolução Cubana já havia tomado os corações de todos.”

Após o golpe militar, Jorge Mautner foi preso e enviado para Barretos, com a desculpa de que era para “protegê-lo” de grupos paramilitares, como o Comando de Caça aos Comunistas, o CCC. Foi solto sob a condição de se expressar mais “cuidadosamente” em suas futuras obras, orientação a que ele, é claro, não obedeceu.

A nossa capacidade de resistência se criou ao longo de toda a história do Brasil e alcança os tempos ainda mais longínquos, na opinião de Jorge Mautner, que diz: “As culturas naturais nossas, antiquíssimas, são geniais”

Em 1965 publicou dois livros, um deles – *O Vigarista Jorge* – com prefácio de Mário Schenberg, foi logo apreendido pelo Dops, que considerava aqueles textos uma provocação e um chamado à resistência contra os militares golpistas. O outro livro, *Narciso em Tarde Cinza*, encerra a trilogia do Kaos. Jorge Mautner também lançou neste mesmo ano um disco compacto com as músicas de protesto *Radioatividade* e *Não, Não, Não*. Esse disco foi incurso na famigerada Lei de Segurança Nacional, em 1966.

Alexandre Prestes



Jorge Mautner concedeu entrevista a Mazé Leite em São Paulo

E Jorge teve que ir embora do Brasil. Fui para os Estados Unidos, onde trabalhei de lavador de pratos, ajudante de garçom, e datilógrafo na Unesco. Também fazia bicos, traduzindo livros brasileiros para o inglês e dava palestras sobre estes livros para a Sociedade Interamericana de Literatura, num casarão que havia sido a sede da Embaixada Soviética, na Park Avenue. “Em 1967 eu fui participar de um simpósio em Caracas, Venezuela, e conheci o escritor norte-americano Robert Lower, com quem passei a trabalhar como secretário literário. Lower tinha sido secretário literário de Ezra Pound. Ele lia muito Euclides da Cunha, adorava *Os Sertões*, queria conhecer os mistérios do Brasil. Também em Caracas eu conheci o filósofo anarquista Paul Goodman, o grande filósofo dos primeiros movimentos pacifistas hippies, que também tinha grande admiração pelo Brasil e me deu as primeiras lições de ecologia.” Nesse período nos EUA, Jorge Mautner compôs duas músicas em parceria com a compositora e pianista de jazz Carla Blay.

Conheceu sua companheira Ruth Mendes em 1968, numa vinda ao Brasil para reativar seu visto nos EUA. Com ela, ele tem uma filha, Amora Mautner. Mautner conta que eles recebiam muitas visitas nos vários lugares em que moraram em Nova Iorque. Visitas de brasileiros, como Roberto Schwartz, que estava exilado na França e trazia notícias do Partido Comunista. Depois Mautner se mudou para Londres, onde conheceu Gilberto Gil e Caetano Veloso, que já estavam exilados lá. “Meu encontro com Gil e Caetano foi um entrelaçamento imediato de almas”, observa ele.

Voltou ao Brasil em 1972, a pedido de Violeta Arraes, também exilada em Londres e que “achava que era hora de voltarmos e ajudar na resistência à Ditadura Militar e na luta pela redemocratização

do Brasil”. Após chegar aqui, se juntou aos músicos brasileiros que faziam shows pelo Brasil adentro, juntando milhares de pessoas. Jorge Mautner afirma que essa participação ativa dos músicos ajudou o Brasil a se redemocratizar.

– “Mas aconteceu outro fator muito importante e trágico que foi o assassinato de Vladimir Herzog. O repúdio foi total, amplificado, e até mesmo por parte de quem apoiava o regime militar e era contra a tortura. Em torno da morte de Herzog se criou uma união nacional, com muitas manifestações contra, atos públicos com a presença do cardeal Dom Paulo Evaristo Arns, do rabino Henri Sobel etc.”

– “Quando Gilberto Gil voltou”, diz Mautner, “e viu tudo o que estava acontecendo, começou a cantar sua música *No woman, no cry*, que fala dos amigos presos, os amigos que sumiam. Então a redemocratização do Brasil representa o esforço de muita gente, de muitos artistas que com sua música chamavam para a resistência. A filosofia expressa pela música popular é às vezes igual ou mais profunda do que a da palavra escrita.”

“Ouço essa mulher cantando *blues*, e sei que aquele homem negro nos Estados Unidos que escreveu aquele *blues* já diz tudo o que eu quero dizer e ainda melhor”, frase do livro *A Náusea* de Jean-Paul Sartre, lembrada por Caetano Veloso em uma conversa com Jorge, publicada no livro *Jorge Mautner*, organizado por Sérgio Cohn.

Jorge complementa: “Mas disso já se tem consciência desde o poeta Castro Alves e a partir da transmissão oral dos batuques nas senzalas, nos terreiros de candomblé, nas aldeias indígenas”. A nossa capacidade de resistência se criou ao longo de toda a história do Brasil e alcança os tempos ainda mais lon-

gínquos, na opinião de Jorge Mautner, que diz: “As culturas naturais nossas, antiquíssimas, são geniais”.

A cultura brasileira

Neste ponto da conversa, perguntei-lhe o que representou o movimento tropicalista para a nossa cultura mais recente. O Tropicalismo, que é tão bem encarnado nas figuras de Caetano Veloso e Gilberto Gil, teve em Jorge Mautner uma de suas grandes inspirações. As ideias expostas por ele no Partido do Kaos foram reconhecidas pelo próprio Caetano como antecessoras do Tropicalismo.

– “Mas o amálgama vem de mais longe, vem de José Bonifácio e Joaquim Nabuco” – diz Mautner. “Partimos de um mesmo berço de ideias, que une a visão antropofágica de Oswald de Andrade até a afirmação cultural da negritude brasileira. O Tropicalismo é uma expressão dessa união que permeia toda nossa visão cultural que vem desde as mais antigas culturas ancestrais dos nossos índios, pré-taoístas, passando pelos nossos poetas românticos como José de Alencar, por Villa Lobos, por Mário de Andrade, por Getúlio Vargas, pela construção de Brasília, Oscar Niemeyer, Darcy Ribeiro, Juscelino, tudo.”

Mautner completa dizendo que Mário e Oswald de Andrade “descobriram o Brasil em tom de fúria, em tom de antropofagia, de manifesto, de ataque”, enquanto “o Tropicalismo seria a tranquilidade já da certeza de que nossa riqueza é nossa diversidade cultural.”

Quando lhe perguntei como resume a cultura brasileira, Jorge Mautner lembrou que ele próprio é fruto de três culturas diferentes: do pai, judeu e ateu; da mãe, eslava e católica; da babá, negra e filha de santo do candomblé. E completa:

– “Desde o começo o meu amor ao Brasil é o meu amor à vida. Assim como meu pai, Paul Mautner, que era apaixonado pelo Brasil. A cultura brasileira foi sendo formada por essa mistura entre índios, negros e brancos de todas as cores. O Brasil é uma inspiração! Veja que tudo isso constrói a nossa originalidade, que está sendo vista pelo mundo todo. Nós somos esse amálgama. Gilberto Freyre, no livro *China tropical*, disse que nos séculos XVI e XVII o Brasil era inclusive hindu. A meia dúzia de brancos que colonizou nosso país e dominou o continente logo teve que conviver com milhares de índios, milhares de escravos. O pessoal da casa grande ia assistir aos festejos da senzala. E aprendeu com eles. O tempo todo a pulsão verdadeira é essa, a solidariedade, o mutirão.” Mautner enfatizou também a generosidade que faz parte da vida do nosso povo, povo hospitaleiro e receptivo aos estrangeiros, desde os tempos em que éramos todos índios e chegaram a estas terras os primeiros brancos europeus.

Jorge Mautner é comunista-artista ou artista-comunista, títulos que se fundem e se confundem em sua vida e em seu discurso. Lembrando José Bonifácio, ressalta que ele foi um dos primeiros brasileiros a valorizar a nossa mistura de sangue, a nossa mestiçagem como nossa maior riqueza social e cultural, que cria o amálgama que nos une, todos os brasileiros:

– “Desde os tempos dos índios tupis, guaranis, os brancos vinham em busca desta terra sem males. A generosidade do nosso povo é nosso maior tesouro, e é o que eu pretendo revelar o tempo todo. Esse amálgama é realmente uma elaboração em uma alquimia superior que está na alma do povo brasileiro – a alma brasileira foi construída assim! Jorge Caldeira (sociólogo) acentua que esta disposição primordial vem dos tupis, guaranis. Diferentemente de todos os outros povos e culturas, onde o estrangeiro, o desconhecido, o forasteiro, o estranho, o diferente eram para ser no mínimo estraçalhados. Aqui sempre foi o contrário: os tupis, guaranis já acreditavam que o Mistério os criou para que fossem desvendando os mistérios do mundo. Então quando viam o estrangeiro, o diferente, o desconhecido, viam como algo para ser adorado. O estranho, ao invés de ser repellido, é amado. Até hoje a generosidade do povo brasileiro com qualquer estrangeiro que chegue aqui é de uma disposição total que não existe em nenhum outro lugar! Essa generosidade não existe em outro lugar! Isso é o máximo!”

Lembrou então que Gilberto Gil, quando ainda era ministro da Cultura, em uma de suas visitas oficiais aos EUA, a certa altura entoou a letra da música que fez em parceria com Jorge Mautner, *Outros viram*, cujo trecho destaco:

“O que Walt Withman viu
Maiakovski viu
Outros viram também
Que a humanidade vem
Renascer no Brasil!
(...)
Maiakovski ouviu
A sereia do mar
Lhe falar de um gentio
De um povo mais feliz
Que habita esse lugar!”

Ele fez uma pausa, que aproveitei para dar minhas impressões sobre sua música, cujas letras são muitas vezes permeadas de referências à nossa cultura popular, como *História do Baião*, *Bumba-meu-boi de Beijing* e *Maracatu Atômico*. Percebe-se nas canções de Jorge Mautner uma certa sutileza que até pode causar algum estranhamento, como se fosse feita de um

tempero a mais que o faz diferente de Caetano, Gil, Chico Buarque. Ele parte de melodias que lembram, por exemplo, as músicas bregas de Amado Batista (um exemplo é sua música *Todo errado*) e terminam com frases longas e melodicamente mais sofisticadas. Outros exemplo: sua música *Perspectiva* começa com a simplicidade romântica de dizer que “gosto de quem gosta das coisas sem querer prendê-las” e termina conclamando a “alegria lá do futuro”; e *Lágrimas negras*, cujo violino parece que fala e chora numa forma barroca, encerrando com a frase “Belezas são coisas acesas por dentro, tristezas são belezas apagadas pelo sofrimento. Lágrimas negras caem, saem, doem...”

A isso, Jorge Mautner respondeu que sua música é o resultado de tudo o que ele pensa sobre o mundo, sobre o Brasil, sobre a cultura, o tempo todo. “Todas essas emoções são fundamentais”, diz ele. Desde os sofrimentos do menino de sete anos separado do pai e da babá para vir morar em São Paulo, onde a chuva fazia os dias ficarem cinzas, e trouxe as primeiras angústias a seu coração. Passando pelas conversas com seus amigos Mário Schenberg e José Roberto Aguilar, onde eles sonhavam juntos, compartilhando os ideais comunistas; até a convivência artística e fundamental com seu companheiro Nelson Jacobina. Mas também tem o triunfo e o otimismo “dessa sociedade brasileira maravilhosa, esse otimismo que nos faz todo o tempo dar a volta por cima. Existe algum problema? O brasileiro tira de letra todos os sofrimentos. Desde os escravos, cujos senhores até hoje ainda não fizeram o movimento de vir ao encontro. Então minha música e minha literatura re-fletem isso”.

Ele lembra que no início dos anos 1990, ele e Nelson Jacobina foram convidados a participar de um show do PCdoB em homenagem aos torturados e mortos da Guerrilha do Araguaia. “Tocamos a *Internacional* e depois *A Bandeira do meu Partido*. Para mim, foi a coisa mais emocionante tocar na presença de tantos companheiros que foram perseguidos no Araguaia, pela ditadura militar. “João Amazonas veio e me deu um abraço muito forte e me pediu para tocar de novo, quatro, cinco vezes *A Bandeira do meu Partido*. Foi emocionante!”

E completa, reflexivo:

– “O papel do artista é fazer esse amálgama da vida, da vida de quem trabalha, numa linguagem que fala ao coração, compreensível por qualquer ser humano. Karl Marx disse ‘A religião é o coração de um mundo sem coração’. A arte, para mim, é para transformar o mundo. Sempre! A cultura é parte fundamental da vida do ser humano.”



Jorge Mautner é comunista-artista ou artista-comunista, títulos que se fundem e se confundem em sua vida e em seu discurso

Para terminar, Jorge Mautner diz que todos esses artistas que ajudaram a dar uma cara nova ao novo Brasil que foi se constituindo após a década de 1950, ainda continuam como amantes e militantes da cultura brasileira. E citou os nomes de Gilberto Gil, Caetano Velloso, Bethânia, Chico Buarque, Tom Zé, entre tantos outros que se unem, segundo ele aos tambores do Brasil, porque “aqui cada pessoa são várias”. Juntam-se também ao movimento antropofágico de Oswald e Mário de Andrade, à genialidade do pintor Cândido Portinari, a Machado de Assis, a Cruz e Souza, a Graciliano Ramos, Martinho da Vila, Vinícius de Moraes, Carlos Drummond, Tom Jobim, Guimarães Rosa e Euclides da Cunha. E aderem à musicalidade fantástica de Villa Lobos, de Heitor dos Prazeres, de Dolores Duran “que lia Sartre, Albert Camus e citava Goethe”...

– “Esta é a nossa cultura brasileira, tudo isso junto. A gente precisa ter muito orgulho dessa história!”

Este trecho abaixo da música *Perspectiva* de Jorge Mautner escolhi como um dos resumos de sua alma amalgamada de alegria e fé no homem e no futuro:

“Para a rua, tambores e poetas!

Ainda há palavras lindas!

URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas,

Ó tu, União Soviética, Cristo entre as nações, para o júbilo, o planeta ainda está imaturo!

É preciso arrancar alegria lá do futuro!

Morrer nesta vida não é difícil

O difícil é a vida e seu ofício

O coração tem moradia certa

bem aqui no meio do peito.

Mas é que comigo a anatomia ficou louca

E sou todo, todo, todo, mas todo...

Coração!”

* *Mazé Leite é artista plástica, ilustradora, bacharel em Letras, escritora*